

# ANÁLISE DA DENGUE NOS CENÁRIOS PANDÊMICO E PÓS-PANDÊMICO NA REGIÃO NORTE DO BRASIL

Sabrina de Araújo Nicoletti<sup>1</sup>; Maria Fernanda de Souza Borges Matola<sup>2</sup>; Pedro Henrique Mendonça Belo Lima<sup>3</sup>; Carmem Tainá Alves de Freitas<sup>4</sup>; Arthur Silva Santos<sup>5</sup>; Leonardo Alves Soares<sup>6</sup>; Gabriel Boeira da Silva Vieira<sup>7</sup>; Nathália de Andrade Nery<sup>8</sup>; Ariana Carneiro de Sousa Batista<sup>9</sup>; Kessily Soares de Jesus do Amaral<sup>10</sup>.

<sup>1-10</sup>Acadêmico de Medicina, Universidade de Gurupi (Unirg), Paraíso do Tocantins, Tocantins.  
DOI: 10.47094/IIICNNESP.2022/130

**PALAVRAS-CHAVE:** Epidemiologia. Coronavírus. Arbovirose.

**ÁREA TEMÁTICA:** Epidemiologia.

## INTRODUÇÃO

A dengue têm sido considerada um problema de saúde pública em um âmbito mundial, sobretudo nas regiões endêmicas tropicais. Tal doença se trata de uma arbovirose aguda e sistêmica que tem como seu principal vetor a fêmea do mosquito *Aedes aegypti*. No Brasil, sua ocorrência é contínua, principalmente em forma de endemias, sendo agravada em decorrência de padrões regionais, geográficos e climáticos, influenciando quantitativamente a população do vetor. O *Aedes aegypti* é nativo do Nordeste africano e chegou no Brasil através de embarcações negreiras. Tendo isso em vista, inúmeras notificações e indícios preconizam a ocorrência de epidemias da dengue, no século XX, nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

A dengue, com o decorrer dos anos, foi se tornando um grave problema de saúde pública que, infelizmente, resultou em muitos óbitos no Brasil. Nesse sentido, nos anos de 2020 e 2021 a taxa de notificação dos casos da dengue sofreu um decréscimo significativo, isso se deve à declaração oficial de transmissão comunitária do Covid-19 e suas consequências no panorama nacional. Ademais, a pandemia foi um foco de notificações e estudos científicos, desde testes sobre a vacina até pesquisas e coleta de dados afim de se obter o controle numérico de casos suspeitos, confirmados e óbitos.

Portanto, infere-se que, no contexto pós-pandemia do Covid-19, onde os casos estão em queda e a vacinação em andamento, torna-se necessário e fundamental voltar-se-á atenção e o foco do cenário científico para o combate à dengue e suas respectivas implicações. Logo, esse trabalho urge em virtude de tal fato, isto é, objetivando retornar a coleta de dados estáticos e notificações oficiais a respeito dessa arbovirose bem como promover programas nacionais voltados ao combate e um tratamento efetivo dessa doença.

## METODOLOGIA

Este estudo trata-se de uma revisão integrativa da literatura, instrumento de caracterização, investigação, avaliação e resumo das publicações acerca de um assunto particular. Foram seguidas as seguintes etapas: identificação do problema; categorização das características de pesquisa, estudo das publicações encontradas, discussão e interpretação dos resultados e por fim, apresentação do apanhado das informações e do aprendizado obtido.

Neste estudo, elegemos como questão norteadora: a epidemiologia da dengue no meio pandêmico do Norte brasileiro. A busca bibliográfica foi realizada durante os meses de abril e maio de 2022 nas bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), MEDLINE (Literatura Internacional em Ciências da Saúde), PubMed, LILACS (Literatura Latino Americana em Ciências da Saúde), SCIELO (Scientific Electronic Library Online)

e boletins epidemiológicos nacionais disponibilizados no site do Ministério da Saúde. Utilizou-se descritores que buscassem filtrar e precisar a discussão acerca da questão escolhida, ou seja, os descritores escolhidos foram: dengue, epidemiologia da dengue, pandemia, *lockdown*, pandemia e arboviroses, endemias no Norte do Brasil. Dessa forma, foram selecionados apenas os artigos que tinham interesse para o objetivo proposto, os quais foram lidos cuidadosa e criticamente, sendo identificadas os resultados descritos e discutidos a seguir.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Em fevereiro de 2020 surgiram os primeiros casos de COVID-19 no Brasil, um vírus que afligiu os sistemas de saúde de vários países e regiões no mundo, trazendo consigo medo e uma crise sanitária que assolou diferentes populações, afetando a relação das pessoas com seus meios e sociedade. Nesse sentido, essa pandemia influenciou diferentes esferas dentro do parâmetro mundial.

É possível compreender a reação supracitada realizando uma análise sobre como o isolamento social, apesar de recomendado e eficaz para evitar o contágio de mais pessoas, trouxe muitos reflexos questionáveis para diferentes segmentos da sociedade, dentre estes a concordância entre a dengue e suas ocorrências em meio a pandemia. Nesse sentido, esta arbovirose supostamente teve seu comportamento epidemiológico afetado por um sistema de saúde sobrecarregado, mídia importuna e uma população amedrontada.

Assim, com base nos artigos e publicações científicas voltadas ao tema, somado a uma verificação de dados dos números crescentes da incidência da dengue no Brasil, é coerente discorrer que durante o ano de 2019 a arbovirose apresentou a incidência esperada dentro da avaliação epidemiológica. No entanto, em março de 2020 os casos de dengue no país começam a cair lentamente, fato que não recebeu seu devido destaque em meio ao terror de uma pandemia, esse fenômeno se repete durante o ano de 2021 com um decaimento ainda maior dos dados, cerca de 42,6%. Contudo, o primeiro trimestre de 2022 foi observado um aumento desproporcional e controverso dos casos da arbovirose em cerca de 113,7% nos diferentes planos do território brasileiro. À vista disso, os episódios de numerosas oscilações envolvendo dengue dentro dos Boletins Epidemiológicos no cenário de pandemia no Brasil foram analisados a fim de compreender profundamente as fundamentações e causas para esse comportamento.

O início da pandemia no ano de 2019 gerou um desgaste demasiado no Sistema de Saúde e seus servidores, assim, as análises epidemiológicas de outras doenças foram desvalorizadas pelos trabalhadores que permaneciam focados diretamente no combate ao vírus SARS-CoV-2. Como resultado, projetos e programas de intervenção contra o *Aedes Aegypti*, foram relegados ao segundo plano em meio os avanços da pandemia, somado a esse fator, a crise sanitária dentro do país prejudicou a relação das pessoas com o ambiente hospitalar, acionando tais serviços somente em casos de alto risco devido às grandes chances de infecção pelo vírus no local. Como resultado, respectivamente, os vetores de transmissão crescem lentamente e as pessoas deixam de notificar os hospitais que apresentam evidências e sintomas de dengue, logo, os casos não são levados ao sistema e a previsão epidemiológica da doença perde sua efetividade.

Todavia, no primeiro mês de 2022 ocorreram cerca de 40.127 casos de dengue no país, valor que representa um aumento de 48,1% se comparado ao mesmo mês do ano anterior, evento que ocorreu paralelamente ao decréscimo dos casos de COVID-19 e um relaxamento nos métodos de prevenção ao vírus. Nesse contexto, é possível compreender que além das subnotificações, os métodos de evasão ao SARS-CoV-2 também mantém relação direta com a ocorrência de dengue, uma vez que as taxas de novos casos se alteram de acordo com o manejo de ferramentas coletivas como o isolamento social e

lockdown.

**Tabela 1.** Monitoramento da dengue desde a semana 1-48 para os anos de 2020 e 2021 e da semana 1-18 para 2022.

Unidade Federativa	Casos			Incidência (casos/100 mil hab.)		
	2020	2021	2022	2020	2021	2022
Rondônia	3.776	1.869	6.260	212,5	103,0	344,9
Acre	6.507	13.953	2.052	737,8	1.538,6	226,3
Amazonas	5.572	8.129	1.889	134,4	190,4	44,2
Roraima	558	138	21	92,1	21,1	3,2
Pará	3.665	3.502	3.909	42,6	39,9	44,5
Amapá	58	253	108	6,9	28,8	12,3
Tocantins	2.118	5.099	19.057	134,7	317,2	1.185,6

**Fonte:** Boletim Epidemiológico; Secretaria de Vigilância em Saúde; Ministério da Saúde (2020, 2021, 2022).

Além dos componentes citados anteriormente, o período pós-pandemia foi marcado por certa indiligência da população, em relação aos cuidados com outras doenças importantes. Parte desse descuido é justificado pela interrupção das ações de controle do mosquito da dengue, já que o sistema público de saúde foi severamente impactado pela pandemia. Simultaneamente ao fim do isolamento social, a fase pós-pandemia foi marcada por um período extenso de chuvas, no final de 2021 até o início de 2022, um período anormal de fortes chuvas aconteceu, possibilitando o surgimento de muitos criadouros do mosquito *Aedes Aegypti*.

Entende-se, portanto, que a subnotificação durante o período crítico da pandemia, somada ao intenso período chuvoso entre 2021 e 2022 e permissividade da sociedade quanto à negligência com certas doenças em vista ao enfoque no combate do vírus SARS-CoV-2, justificam o aumento agudo nos casos de dengue. É necessário reiniciar as ações de controle da dengue que foram interrompidas, como o desenvolvimento de campanhas de informação e de mobilização das pessoas e fortalecimento das equipes de vigilância epidemiológica. Dessa forma, a população sai de uma posição vulnerabilizada para retornar a uma rotina de cuidados conscientes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo questiona os motivos dos casos de dengue terem sofrido uma significativa redução no início da pandemia, para depois aumentar de forma drástica. Pressupõe-se que esse fato esteja correlacionado com a política da quarentena, o que ocasionou uma diminuição na procura dos serviços de saúde, visto que muitos indivíduos, por medo de se contaminarem, deixaram de recorrer às unidades básicas, e, por consequência, houve a subnotificação de muitos casos.

Nesse sentido, o assunto abordado só certifica a grande relevância que existe em se seguir rigorosamente o protocolo de vigilância, ainda mais quando se refere às regiões endêmicas, pois, apesar do desenvolvimento da doença ser menos agressiva em grande parte dos casos, há a possibilidade de que estes evoluam para uma situação hemorrágica, o que pode ser crucial.

## PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

DOCILE, Tatiana Nascimento. VALENTIM, Juliana Chaiblich. MIYASHIRO, Gladys. **Dengue e outras arboviroses: os desafios de enfrentamento durante a pandemia da covid-19.** Rio de Janeiro: Spatium Scientiarum, 2020.

LISBOA, Thiago Rodrigues. SERAFIM, Isak Batista Medeiros. SERAFIM, Jessica Caroline Medeiros. RAMOS, Ayla Campanha NASCIMENTO, Renan Monteiro do. RONER, Márcia Nunes Bandeira. **Relação Entre Incidência De Casos De Arboviroses E a Pandemia Da COVID-19.** Online first: Revista Interdisciplinar De Ciência Aplicada 6, 2022.

SANTOS, Rafaela Nayara Almeida, et al. **A importância da vigilância e prevenção de arboviroses em meio à pandemia de covid-19.** Curitiba: Biblioteca Digital de Eventos Científicos da UFPR, 2020.

Boletim Epidemiológico. **Monitoramento dos casos de arboviroses, semanas epidemiológicas 1 a 50, 2020.** Secretaria de Vigilância em Saúde, Ministério da Saúde, Volume 51, Dez. 2020.

Boletim Epidemiológico. **Monitoramento dos casos de arboviroses, semanas epidemiológicas 1 a 48, 2021.** Secretaria de Vigilância em Saúde, Ministério da Saúde, Volume 52, Dez. 2021.

Boletim Epidemiológico. **Monitoramento dos casos de arboviroses até a semana epidemiológica 18 de 2022.** Secretaria de Vigilância em Saúde, Ministério da Saúde, Volume 53, Maio. 2022.